



Identidade Regional nas Vinhetas dos Telejornais: Uma análise da representação visual na TV Panorama¹

Flávio Lins Rodrigues²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Existe uma identidade local no grafismo dos telejornais regionais, ainda que pertencentes a uma grande rede? A proposta deste trabalho é investigar nas vinhetas do telejornalismo de Juiz de Fora, desde o seu surgimento, a utilização de elementos da cultura local na composição das mesmas e se estas em algum momento representariam uma identidade juizforana. A partir de um levantamento histórico e da observação das vinhetas do telejornal MGTV 1ª Edição da TV Panorama afiliada a Rede Globo, exibido na região da Zona da Mata, Vertentes e Mantiqueira, analisamos a presença de elementos que remetam à cultura regional e à memória emocional destes cidadãos.

Palavras-chave

Telejornal; Vinheta; Identidade regional.

Introdução

Para que o indivíduo se sinta cidadão de algum lugar é necessário que ele se identifique com algo mais amplo, como membro de um lugar que reconhece instintivamente como lar, como nos ensina Roger Scruton(1990). E esta identificação, só ocorrerá quando os elementos que fazem parte da rotina do seu dia-a-dia, estiverem representados na arte, nas imagens urbanas e até nas vinhetas de televisão.

A história

Embora tenha existido a TV Mariano Procópio nos primeiros anos do sinal de TV em Juiz de Fora, a história da televisão na cidade teve um primeiro e marcante capítulo com a TV Industrial. Criada pelo empresário juizforano Sérgio Vieira Mendes, que já era proprietário das rádios Industrial e Difusora, a emissora recebeu concessão do governo federal na administração do presidente João Goulart em 1963, tendo entrado no ar, segundo Geraldo Mendes, filho do empresário e um dos administradores do

¹ Trabalho apresentado ao GT Audiovisual, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

² Bacharel em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Vianna Júnior, tendo cursado até o 5º período do Curso de Comunicação Social, especialista em Globalização, Mídia e Cidadania pela Faculdade de Comunicação da UFJF, Laboratorista de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFJF, diretor de arte da TV Panorama(TV Globo Juiz de Fora). flavio.lins@oi.com.br



extinto canal, no dia 24 de julho de 1964. A emissora juizforana foi a 1ª estação geradora de sinais de TV do interior do país.

A TV Industrial foi a primeira e única emissora do sistema de tv aberta genuinamente local, já que as 12 horas de programação local diária que foram ao ar de 1964 a 1980, ano em que a TV foi vendida para a Rede Globo de Televisão³, eram quase na totalidade produzidas pela própria emissora que não era filiada a nenhuma rede de TV nacional. Segundo Regina Gaio, editora do telejornal Imagem que foi ao ar na TV Industrial de 1977 a 1980, cerca de 80% da programação era local e o restante seriam filmes⁴, mas já havia a influência das emissoras maiores⁵.

Para Regina Gaio desde o seu surgimento a TV Industrial foi influenciada pelas grandes emissoras, no início pela TV Tupi e mais tarde pela TV Globo⁶. Para ela o sucesso da Industrial junto ao público era devido às mesas de debate de esporte e dos programas de calouros e não ao jornalismo, já que este não tinha imagens, apenas os apresentadores se revezando na leitura de notas de texto. O noticiário era segundo ela, relativamente monótono e as notícias eram ilustrados apenas por “selos” ao lado direito do apresentador. Já inspirados na Rede Globo, estes “selos” apresentavam o personagem Zé Marmita em situações diferenciadas, ora jogando futebol, ora construindo, ora estudando ou em outras situações relativas aos temas apresentados. O recurso artístico de desenho foi um pedido da então editora para quebrar a monótona leitura entre os apresentadores.

Segundo Geraldo Mendes, a proposta da emissora de Juiz de Fora era popular, daí o nome TV Industrial⁷ e seu personagem símbolo, que era logotipo da emissora, o Zé Marmita, um trabalhador de macacão e boné. Geraldo conta que o personagem

³ Segundo Paulo Roberto Ferez de Castro, gerente de engenharia da TV Globo em Juiz de Fora, a TV Globo - canal 5 era apenas retransmissora do sinal de Belo Horizonte, não tinha concessão do governo para gerar programação local, daí a necessidade de comprar o canal 10 que era uma concessão de emissora geradora. Paulo ressalta que ainda hoje Juiz de Fora possui apenas 3 emissoras geradoras, a TV Panorama, a TV Alterosa e a TVE, contando com 8 retransmissoras: Rede Minas, Rede TV, Record Minas, Bandeirantes, MTV, Canção Nova, TV Assembléia de Minas e Rede Vida.

⁴ A TV Industrial exibia filmes em película fornecidos principalmente pela Herbert Richards, Viacon e Century Fox.

⁵ Juiz de Fora na época contava com o sinal da TV Globo(BH), da TV Tupi(SP) e da TV Industrial(JF).

⁶ A TV Globo surgiu em 11 de abril de 1965, segundo o site tvmemoria, inicialmente tão desorganizada quanto as outras, a partir de 1966 começou a superar a concorrência: “A super produção de novelas foi um sucesso, somado a estréia do Jornal Nacional, em 1969, em rede nacional e a falência da Excelsior, decadência da Record e da Tupi, a Rede Globo estava livre para tornar-se a maior emissora do Brasil no início dos anos 70.”

⁷ Juiz de Fora com a TV de nome Industrial, buscava retomar, segundo Geraldo Mendes, o vanguardismo da Manchester Mineira.

símbolo foi desenhado pelo sargento Alan Renault⁸. O bonequinho “Zé Marmita” seguiu uma tendência da época, já que o símbolo da Tupi, de 1950, a TV de maior sucesso no período do surgimento da Industrial, era um indiozinho com antena de TV no lugar de penas e o da TV Excelsior, de 1960, eram duas crianças⁹, enquanto a Record(1953) usava um tigre. De acordo com Wilson Cid, embora não existam registros, a TV Mariano Procópio(1960 a 1963), fazia parte também, como a TV Tupi, dos Diários Associados, portanto usava o indiozinho, símbolo da TV Tupi, como identificação, mas não chegou a ter nenhum elemento gráfico, vinheta ou cenário, feito especialmente para a TV juizforana.



TV INDUSTRIAL



TV TUPI



TV RECORD



TV EXCELSIOR

O surgimento do Zé Marmita

Na época da inauguração da emissora, a cantora Marlene conhecida como uma das rainhas do rádio naquele momento, fazia segundo a Profa. Áurea Gabriela Lins Rodrigues o Brasil cantar a música dos compositores Luiz Antônio e Brazinha “Zé Marmita¹⁰”. Geraldo Mendes não confirma, mas a coincidência do nome do personagem

⁸ Segundo Maria Anecy Gomes Renault, viúva do Capitão Alan Renault, falecido em 1999, o então Sargento, era o único artista disponível na época. Segundo ela, além de ter criado o Zé Marmita e feito animações do bonequinho, fez também outros desenhos para a TV Industrial: charges, letreiros, logotipos e cenários até 1976. Assim, Alan Renault foi o primeiro vídeo designer de Juiz de Fora.

⁹ Segundo o site tele-história, os mascotes da TV Excelsior se chamavam Paulinho e Ritinha inspirados em uma TV da Argentina. A dupla alcançou popularidade entre os telespectadores, especialmente entre as crianças. Os mascotes identificavam o canal, anunciavam programas e séries e informavam quando estava fora do ar por problemas técnicos.

¹⁰ A cantora Marlene, foi segundo Fábio Gomes, pesquisador do site de música popular Brasileiro, considerada a pioneira nos sambas de protesto ao lançar o samba Zé Marmita. Embora para ele não houvesse (ainda) era uma determinação consciente dos compositores em fazer crítica social. “A letra dá a

Formatado

Formatado

Formatado



símbolo e da letra da música não deixa dúvidas, houve interesse em se ligar o personagem à música de sucesso nacional e internacional¹¹:

Zé Marmita (Brazinha e Luís Antonio)

Quatro horas da manhã	Meio-dia Zé Marmita
Sai de casa o Zé Marmita	Faz o fogo para comida esquentar
Pendurado na porta do trem	E o Zé Marmita
Zé Marmita vai e vem	Barriga cheia
Numa lata, Zé Marmita	Esquece a vida
Traz a bóia	Numa bate-bola de meia
Que ainda sobrou do jantar	

Assim, a emissora “genuinamente juizforana” já surgiu representada por um personagem que apesar de ter sido criado por um desenhista local, Alan Renault, seguiu uma tendência da época e já trazia em si uma certa ambigüidade entre o local e o nacional, mas buscava reviver na telinha o tempo de glória da Manchester Mineira.

Apesar desta representação ambígua, o sucesso da programação da TV Industrial, segundo a jornalista Regina Gaio, estava realmente na sua ligação com a cidade. Isso porque que era a primeira vez desde as imagens realizadas pelo cineasta Carriço¹², que o juizforano se via representado na tela.

O telejornalismo em Juiz de Fora

O primeiro telejornal da TV Industrial foi segundo entrevista de Geraldo Mendes, o Teledez, numa alusão ao Canal 10 e era apresentado pelas jornalistas Christina Mendes, Dolores Mendes e pelos radialistas Efigênio Gomes e Francisco Batista. O último programa jornalístico da emissora, no ar de 1977 a 1980, foi o Telejornal Imagem, que tinha como editora Regina Gaio, hoje editora da TV Panorama

[impressão que Zé Marmita trabalhava só até o meio-dia, o que já faria com que não se levasse a sério o protesto que a composição poderia conter”\(GOMES, 2003\).](#)

¹¹ [Segundo a biografia da cantora Marlene apresentada no site cliquemusic, a convite da cantora Edith Piaf, Marlene foi a primeira cantora brasileira a se apresentar no Teatro Olympia de Paris, lá ela apresentou dentre outros sucessos, o samba Zé Marmita.](#)

¹² [O cineasta João Carriço, fundou a Carriço Film em 1934, produziu em quase três décadas cinejornais e telejornais, registrando a vida política e social de Juiz de Fora. Suas produções ganharam importância na década de 40, quando eram exibidas antes das sessões de cinema, sempre lotadas.](#)



em Juiz de Fora. Houve também vários programas musicais, sobre esporte e cinema, que eram feitos por profissionais oriundos do rádio e que experimentavam pela primeira vez a televisão. Segundo Geraldo Mendes, vários artistas de nome nacional se apresentaram na TV Industrial, como Caetano Veloso que teria lançado aqui a música “Irene”. Até o ex-presidente Itamar Franco, antes de começar sua carreira política teve um programa chamado “Juiz de Fora em Três Dimensões” na TV Industrial, e que segundo Geraldo pode ter despertado nele o interesse pela carreira política.

Não havia vinhetas em vídeo para os telejornais da época, segundo Luiz Cosme Araújo e Luiz Carlos Nazaré, cinegrafista da TV Industrial na época e hoje funcionários da TV Panorama. Os programas chegaram a ter aberturas com imagens e um cartão com o logotipo do programa ao final da exibição, mas os telejornais não possuíam vinhetas. Ainda de acordo com a entrevista de Luiz Carlos Nazaré, os cartões originalmente feitos em papel e letras adesivas ou pintadas, eram o único trabalho de “arte” que existia na emissora. Não havia diferença com a realidade da maioria das emissoras da época. Isso persistiu até que a Rede Globo começasse a mudar este conceito nos anos 70¹³.

Para Regina Gaio, editora do telejornal Imagem, exibido de 1977 a 1980:

O jornal se chamava Jornal Imagem, mas não tinha imagem. Não havia nada de arte, não tinha vinheta, era apenas um logo ao lado do apresentador no fundo azul. Mais tarde conseguimos um ‘slide’ que na realidade era um cartão temático que aparecia ao lado do apresentador de acordo com o assunto.... era um menininho símbolo da TV, que às vezes jogava bola se o assunto era esporte, ora trabalhava ou fazia alguma coisa relativa ao assunto. Foi o meu ex-marido José Francisco Carvalho Pasquini que estudava desenho e arquitetura que fez os desenhos na época.[...] Com certeza ele se inspirou na Globo para fazer os cartões. [...] Quando conseguimos o vt, era direto, pois não podíamos editar, tínhamos que gravar direto, se errássemos tínhamos que voltar e recomeçar, normalmente gravávamos em videoteipe entrevistas.

Regina Gaio chama atenção para um programa sobre cinema que se fazia na tv industrial, que também era introduzido na programação por uma cartela, mas segundo ela, era bem feito para a época, ilustrado com fotos gravadas diretamente no videoteipe, ainda sem edição. Era feito por Neuza Lopes e Décio Lopes, apresentado por Dolores Mendes e falava sobre todo o processo de se fazer cinema. Regina chama atenção para os cartões pretos com letras adesivas brancas que eram “recortadas” por um equipamento para ilustrar o programa, mas que eram com certeza copiados da Globo, que já fazia alguma coisa parecida na época Isso porque durante a maior parte do

¹³ [Segundo Arlindo Machado, a Rede Globo desde o início investiu em tecnologia e nos graphics, termo que compreende em televisão, um conjunto bastante amplo de recursos, no qual se incluem títulos e créditos, toda sorte de textos e gráficos necessários para um telejornal ou programa.](#)



período de existência da TV Industrial a Globo já havia se tornado a líder de audiência¹⁴.

A TV Industrial encerrou suas atividades em 1980, quando o canal foi vendido para a Rede Globo de Televisão. Mesmo abrindo espaço para o jornalismo local, a mudança provocou segundo Luiz Carlos Nazaré “muita reclamação”, pois as pessoas já não se viam mais, já que mais de 90% da programação não era da cidade.

De 1980 a 1998, quando a TV Globo Juiz de Fora se tornou TV Panorama, a emissora filiada à Rede Globo embora contasse com um pequeno departamento de arte, recebia as bases de arte prontas do Rio. Segundo Rita Penna Côrtes pouco se fazia em termos locais, já que os padrões deveriam ser seguidos rigorosamente. A produção de vinhetas para quadros e matérias especiais dentro do telejornal e, portanto um maior espaço para elementos da cultura local em áudio ou vídeo só foi retomado em 1998, quando a emissora ficou sob a direção da jornalista Ana Viana.

Mais tarde, em 1990, surgiu a TV Tiradentes – canal 10 em Juiz de Fora, de propriedade do empresário Josino Andrade de Aragão Filho, que também tem a concessão da TVE na cidade¹⁵. Inicialmente afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão, depois à TV Bandeirantes e no final à Rede Record, a emissora acabou sendo vendida ao Grupo Alterosa, que é afiliado ao Sistema Brasileiro de Televisão. A TV Tiradentes entrou no ar em 1º de fevereiro de 1990 e permaneceu até 1999, quando foi vendida ao grupo mineiro Alterosa.

Inicialmente a TV Tiradentes como afiliada ao sbt, na época a segunda maior emissora do país, gozou de grande prestígio junto à população, chegando até, segundo Domingos Frias, um dos proprietários da TV Tiradentes, a incomodar em vários horários a programação da Rede Globo local. Na época, a Globo na cidade tinha apenas

¹⁴ A TV Industrial entrou no ar em 1964, a TV Globo – canal 4 em 1965 e em 1966 já começava a liderar a audiência. Para chegar aos lares juizforanos a Globo precisava de um canal disponível, assim, segundo Roberto Larcher, a Globo comprou em 1968 a retransmissora da TV Rio em Juiz de Fora, que desde 1960 transmitia o sinal do canal 13 na cidade.

¹⁵ A TVE de Juiz de Fora, canal 12, afiliada a TVE Rio de Janeiro, foi a primeira emissora educativa não governamental. Retransmissora desde as onze horas, onze minutos e trinta e cinco segundos do dia trinta e um de maio de 1980, mesmo tendo se tornado geradora em 1989, nunca produziu telejornais segundo Jovino Jorge Rodrigues Quintela, diretor geral da TVE Juiz de Fora. A exceção ocorreu no período de 2002 a 2004, durante o governo do ex-presidente Itamar Franco, quanto esteve ligada a Rede Minas de Televisão, e produzia matérias locais que eram geradas, a fim de serem exibidas nos telejornais desta Rede a partir de Belo Horizonte, a Rede Minas produzia programas e telejornais a partir da capital e os inseria em alguns horários da programação da TVE RJ. Para Flávio L. Rodrigues que editava as matérias locais na época, a Rede Minas não foi bem aceita na cidade, segundo ele, quando entravam no ar os programas a partir de Belo Horizonte, mesmo com matérias locais, sobrepondo-se aos programas oriundos do Rio e exibidos na cidade desde os anos 80, quando o sinal da TVE chegou a cidade, os telefones não paravam de tocar com reclamações.



dois pequenos telejornais, um ao meio dia e outro às 19 horas. A TV Tiradentes teve vários programas locais, policiais, de calouros, mesas de debate, programas esportivos e telejornais de longa duração.

A jornalista Andréa Andrade, na época repórter do *Telejornal Tiradentes* atribui à possibilidade de produção de matérias longas, com maior detalhamento sobre os temas, o sucesso imediato dos telejornais da emissora. Também os programas de entretenimento, apresentados por profissionais oriundos do rádio local, conseguiram alcançar bons números de audiência. Além de ser exibida pelo canal 10 a TV Tiradentes possuía também outras semelhanças com a TV Industrial, pois vários profissionais oriundos do rádio e alguns inclusive com passagem pela primeira emissora da cidade lá trabalharam, como José Carlos de Lery Guimarães, Glauco Fassheber, Geraldo Magela Tavares, Geraldo Mendes e Claudinei Coelho.

Mas as mudanças de afiliação e a descontinuidade da programação, além do crescimento desordenado do grupo, que adquiriu jornal e rádio, acabaram por enfraquecer a estrutura comercial da empresa, inviabilizando sua sobrevivência, até a venda para a TV Alterosa.

Para Zilma Hauck, produtora e editora da TV Tiradentes de 1990 a 1999, a TV tinha a cara de Juiz de Fora, ainda que influenciada pelas emissoras geradoras das quais fez parte. Isso acabou por conferir a TV uma identidade própria inclusive visual, que sobreviveu às trocas de rede, permanecendo a semelhança inicial com o sbt e o seu visual excessivamente colorido, e é claro sempre recebendo diretamente a influência do Padrão Globo.

A TV Tiradentes teve sempre um departamento de arte, que também foi se adequando às novas técnicas com o passar dos anos, funcionando inicialmente com pincéis e tintas guache. Chegou a possuir nos últimos anos de geração da emissora, um equipamento de computação gráfica, o Amiga 2000. Lá foram produzidas várias aberturas, vinhetas e cenários para os programas locais da emissora.

Abaixo alguns momentos das vinhetas da extinta TV Tiradentes. Percebe-se que apesar dos depoimentos colhidos, nos elementos utilizados na construção das vinhetas não é possível observar em nenhuma das fases da construção das mesmas, elementos locais ou regionais. Provavelmente isso se deve ao fato de que, como ressalta Jose Guillermo Landi Hiertz, os anos 80 e 90 foram os anos em que se popularizou a computação gráfica. Assim, o visual da TV Tiradentes (que existiu apenas na década de 90) simboliza os excessos cometidos pela computação gráfica na época, ou seja, a

computação em si passou a ser a estrela das vinhetas e não a mensagem. Observam-se semelhanças com o padrão utilizado por Rede Globo e SBT na época.

A seguir, três momentos da vinheta do último telejornal exibido pela TV Tiradentes, na época afiliada a Rede Record, tudo realizado em computação gráfica:



Podemos observar a ausência de elementos de identificação que remetam ao local, com predomínio de elementos geométricos em 3D¹⁶.



Vinheta da revista eletrônica exibida de 90 a 99

Em nenhuma das vinhetas da TV Tiradentes foi observado outro elemento que não aquele realizado pelos computadores, embora segundo Flávio Lins Rodrigues responsável pelo departamento de arte e autor desta monografia, nos primeiros anos o trabalho de arte tenha sido feito com tinta e papel. Ainda assim, durante esta época os elementos regionais não apareciam; já se tentava reproduzir através da aerografia¹⁷ o visual semelhante à computação gráfica das grandes redes nacionais de TV. Inclusive num personagem que virou programa da TV Tiradentes, o Zé do Morro¹⁸, essa identificação com o nacional pode ser percebida, observava-se o favelado carioca e as referências ao problema social em nível nacional.

¹⁶ 3D – abreviatura de terceira dimensão, forma de representação utilizada pela computação gráfica para simular a realidade.

¹⁷ Aerografia é uma técnica sofisticada de produção de ilustrações, anterior à computação gráfica, que usava uma pistola de pintura do tamanho de uma caneta e um compressor de ar. Segundo Flávio L. Rodrigues, muito popular nos Estados Unidos, os trabalhos feitos com esta técnica, que exigiam grande perícia e material caro, realizavam em papel os efeitos de transparência e brilho que só mais tarde a computação gráfica conseguiria concretizar.

¹⁸ Zé do Morro, foi um personagem criado pelo radialista Claudinei Coelho, que contracenava com o boneco interpretado por ele mesmo, através da técnica do chroma key. O personagem foi trazido por Claudinei da Rádio, onde o boneco já existia, para a TV Tiradentes e ficou quase três anos no ar, obtendo segundo ele, especial sucesso junto às crianças.



Em 1999 a TV Alterosa adquire a TV Tiradentes e passa transmitir o sinal do SBT na cidade. Com pequena participação local, a emissora conta com um jornal e horários vendidos para programas locais independentes. A TV Alterosa apesar de se tratar de uma empresa mineira, apenas reproduz a identidade visual do SBT. Ao contrário da TV Tiradentes, a Alterosa não mantém um departamento de arte, o que impossibilita a produção de um videografismo local. A partir de 2004, segundo artigo da Lívia Maia, a TV Alterosa adotou um visual mais leve, mais *light* para os seus telejornais, mas ainda assim, permanece a identificação com o popular, que é marca da emissora paulista e que também tem sido a diretriz das demais produções da TV.

TV e representação

A função da televisão em nossa sociedade não pode ser considerada uma novidade. A mitologia grega, principalmente pelo exemplo de Narciso, nos ensina que a fascinação da imagem é muito mais antiga do que se costuma pensar. Uma fascinação pela aparência decorrente da introdução do conceito de perspectiva. A conquista do imaginário popular é uma característica marcante da TV e tem relação estreita com a estrutura psíquica do ser humano.

É importante chamar a atenção para o fato de que é impossível representar num meio de comunicação o “real em si”. Este real – o vivido, real-histórico – é em verdade, nada mais que uma elaboração realizada pelos sistemas de representação socialmente gerados. Basicamente, o real se opõe ao imaginário – dois parâmetros de construção social.

Esta construção do imaginário e do real tem forte influência, portanto, do modelo dominante de cada época. Neste contexto, as imagens determinam os modos de percepção do indivíduo contemporâneo.

A representação participa de um processo de geração do conhecimento, altamente subjetivo porque se constitui de um processo cognitivo transformador, já que ocorreria em decorrência do fluxo de estruturas simbólicas na mente do indivíduo. Pensando-se em símbolos que se interconectam em uma dada situação de trocas de informação, podemos pensar que a linguagem é o espaço de eleição para que tal interconexão aconteça. Nesse sentido, podemos considerar a linguagem, admitida na esfera dos estudos culturais empreendidos por Stuart Hall, como sendo o meio privilegiado no qual o significado é produzido. No enfoque construcionista que Hall



utiliza, o significado não se encontra nas coisas propriamente ditas, nem os usuários individualmente podem fixá-lo na linguagem. Em resumo, as coisas não significam em si mesmas, mas os usuários constroem o significado. Importante atentar que não se está falando de re-apresentação de um mundo considerado real, mas de práticas e processos simbólicos através dos quais a representação, o significado e a linguagem operam.

A televisão contribui diretamente, portanto, para retratar e modificar as representações do mundo. Todavia, não é fácil determinar em que sentido ela o faz, a menos que se estabeleça unilateralmente o uso que os espectadores fazem das imagens recebidas! Uma coisa é certa: o choque que se produz entre a imagem e os quadros de recepção e interpretação dos públicos impede uma leitura simples e unívoca (WOLTON, 1990, p.69).

Na esteira dessa reflexão sobre pertencimento a uma determinada cultura, em última instância, encontra-se a discussão sobre o conceito de identidade e, ao mesmo tempo, sobre o conceito de memória, visto que ambos se constituem mutuamente. A memória mantém a unidade e a coesão entre os elementos dos grupos sociais, apresentando o que fomos para melhor consolidar as nossas construções acerca do que somos. Ao mesmo tempo, a memória trabalha seletivamente, arregimentando os elementos — os acontecimentos — que constituirão "aquilo que fica e que vale" para o grupo no qual ela se constrói. Nesse sentido, ela também é objeto de disputa pelo poder e passível de ser manipulada. A relação entre identidade e memória estrutura-se com base na necessidade de continuidade e permanência que tanto o indivíduo quanto o grupo social sentem para se posicionar no mundo.

Esse posicionamento constitui o modo como se estabelecem os estoques de informação produzida culturalmente e, tais estoques, se estabelecidos a partir da decodificação de uma dada realidade, acabam por constituir um acervo da memória documentada. No entanto, tal acervo isoladamente não gera conhecimento: ele existe na qualidade de potência, de vir a ser. A geração do conhecimento é operada pela transferência da informação para a realidade daqueles que a recebem, com base em uma conjuntura adequada de apropriação dessa informação.

Assim, o impacto da globalização em especial através da TV em nossos sistemas de representação é inegável, como nos ensina Hall a nossa identidade permanece sempre incompleta, sempre em transformação, desta forma a nossa escrita, pintura, desenho, a nossa arte, enfim todas formas de representação que utilizamos, sofrem modificações ao terem contato com os elementos da cultura globalizada.



As vinhetas do MGTV 1ª Edição

Para a jornalista Ana Viana, editora regional da TV Panorama de 1999 a 2006, Juiz de Fora tem o mesmo padrão estético, nas vinhetas de seus quadros, usado pela Rede Globo Rio. O resultado seria diferenciado apenas por dispor a Globo Rio de equipamentos mais sofisticados de computação, mas ela não percebe nenhuma *juizforaneidade* nas vinhetas da TV.

Já para o jornalista Roberto Gonçalves, editor regional da TV Panorama a partir de junho de 2006, o elemento regional aparecerá nas vinhetas não no estilo, já que as vinhetas devem seguir a padrões, cores e texturas já pré-estabelecidos pela Rede Globo. Segundo ele a identidade permanecerá nas imagens da região que serão usadas como elementos constituintes destas vinhetas.

Ocorre que o MGTV 1ª edição possui vários quadros fixos, todos eles antecedidos por vinhetas de exibição semanal, e também por vinhetas que são produzidas e exibidas durante a semana, antecedendo as reportagens especiais e que por terem sido produzidas especialmente para aquela data ou tema, são alusivas a estes.

Tomamos por base para a análise empírica, o período de 15 de maio a 15 de junho e as vinhetas veiculadas neste período pelo telejornal. Observou-se que neste intervalo de tempo, foram veiculadas as vinhetas próprias do telejornal criadas pela Globo Rio na abertura, escalada e passagens de bloco, além das vinhetas dos quadros semanais criadas pelo setor de arte da emissora local (Panorama Rural, Esporte, Vida e Comportamento, Direito do Cidadão, Saúde). Dentro deste período aconteceu o aniversário da cidade, e assim houve a produção e exibição das vinhetas da série *Juiz de Fora Cidade Pólo*, vinheta *Tenho Saudade* e vinheta *Juiz de Fora 156 anos*. Todas essas três vinhetas são alusivas ao aniversário da cidade e as únicas a terem sido elaboradas utilizando-se imagens e música da cidade (hino de Juiz de Fora). Na vinheta *Cidade Pólo*, como demonstrado será posteriormente, foi feita a utilização de computação gráfica com figuras geométricas simples nas cores da bandeira da cidade, gerando uma espécie de bandeira pós-moderna, e ainda com a exibição de imagens urbanas importantes da cidade, sejam por sua relevância histórica ou atual (imagens de metalurgia segundo o departamento de arte da tv foram selecionadas por serem de uma atividade industrial de destaque na cidade). Também foi usada a imagem de um hospital da cidade. As imagens foram escolhidas por serem atividades que fazem de Juiz de Fora uma cidade pólo na região, tema da série de reportagens. As reportagens foram: Juiz de

Fora Pólo de Cultura, Pólo de Comércio, Pólo da Indústria e Juiz de Fora Pólo de Saúde.



Vinheta do telejornal MGTV 1ª Edição – Globo Rio

É importante destacar que nas vinhetas usadas diariamente no telejornal MGTV 1ª Edição não foi possível reconhecer elementos familiares aos juizforanos.

No período em que se realizou a pesquisa, aconteceu o aniversário de Juiz de Fora e, portanto, a cidade teve suas imagens urbanas bastante exploradas em vídeo clips utilizando como trilha sonora o Hino de Juiz de Fora. A utilização destas imagens também ocorreu nas diversas matérias que tiveram como tema a cidade, tudo feito segundo Regina Campos, editora-chefe do MGTV 1ª edição, para festejar os 156 anos do município, já que a população gostaria de ver imagens da sua cidade na tela da tv.

A vinheta da série Juiz de Fora Cidade Pólo, usada na série de reportagens com este tema, foi elaborada com imagens da cidade e de sua bandeira *desconstruída*.



Assim, no período pesquisado observa-se a existência de algumas vinhetas com elementos regionais. Apesar disso, como integrante da equipe do departamento de arte da TV, o autor desta monografia, avalia que normalmente não se trabalha obrigatoriamente com elementos que remetam a Juiz de Fora. Este período pesquisado teria sido uma exceção, já estas imagens só deverão ser usadas, ainda que em novas versões, no próximo ano na mesma comemoração.

Conclusão

O telejornal MGTV 1ª Edição da TV Panorama e o seu videografismo carecem de juizforaneidade, ou seja, aparentemente ainda não possuem uma identidade local, ou se possuem, esta é a própria transformação do velho em novo, no desapego ao que é da



terra, desenraizamento que foi tema de pesquisa de Regina Amélia de Paula. Por fazer parte da Rede Globo de Televisão, sabemos que a emissora tem padrões a seguir. Mas a emissora local existe para divulgar a identidade nacional e aniquilar os valores regionais ou para divulgar e fortalecer estas culturas? Para a jornalista Rita Pena Côrtes, a Globo se preocupa em preservar os valores regionais.

Os indivíduos que questionaram o fim da TV Industrial tinham razão quanto ao fato de não se verem mais na TV e de terem dificuldade em se identificar com o padrão impecável da TV Globo? Certamente não, pois cada uma a seu tempo, a TV Industrial(exemplo do Zé Marmita) e a TV Panorama (exemplo do padrão Globo), demonstram a importância da influência externa na cultura da cidade. Será que existe alguma manifestação genuinamente juizforana?

Para Willians Cerozzi Balan, as imagens das artes plásticas - pintura, fotografia, cinema e televisão devem ser compostas de forma a levar o receptor, inconscientemente, a relacionar os estímulos visuais recebidos com as interpretações proporcionadas em sua memória. Apesar disso, como se observou nas vinhetas do MGTV 1ª Edição no período estudado, estes estímulos não são preocupação da emissora que é líder de audiência na região.

Num mundo interligado por diversas tecnologias já há alguns anos, nenhuma identidade permanece imaculada, mas em uma cidade cuja história tem demonstrado o desapego das raízes locais como identidade, o videografismo local não pode realmente ter outro caminho que não o de reproduzir padrões externos. A transitoriedade da identidade juizforana também é percebida nas diversas formas pelas quais essa identidade assume ao ser representada.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela. *Classe Operária em Juiz de Fora: uma história de lutas(1912-1924)*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

AZZI, Riolando. *Sob o báculo episcopal: a igreja católica em Juiz de Fora 1850-1950*. Juiz de Fora: Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000.

BATISTA, Evandro. A vocação industrial de uma cidade. *Momento*, Juiz de Fora, n. 1, p. 20-25, out. 1974.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.



BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BHABBA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CARVALHO, Elisabeth et alli. - *Anos 70: Televisão* - Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora, 1980.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. “*Europa dos Pobres*”: a belle-epoque mineira. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARVEY, David. *The Condition of Postmodernity*. Oxford and Cambridge: Blackwell, 1989.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

Material gravado em áudio

MENDES, Geraldo. *Geraldo Mendes*: depoimento [jun.2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (90 min): estéreo.

NAZARÉ, Luiz Carlos. *Luiz Carlos Nazaré*: depoimento [jun. 2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (90 min): estéreo.

PASQUINI, Regina de Fátima. *Regina Pasquini*: depoimento [jun.2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (90 min): estéreo.

ANDRADE, Andréa Carneiro. *Andréa Carneiro Andrade*: depoimento [jun.2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (90 min): estéreo.